Relatório Macro LCA

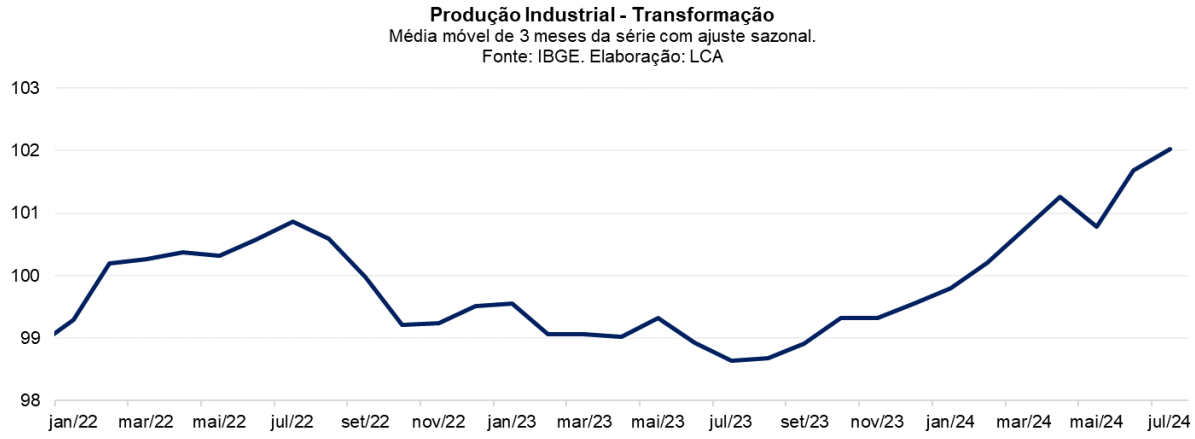
setembro de 24

Perspectivas para a indústria brasileira no segundo semestre de 2024 e em 2025

Contexto

Mantendo o padrão observado desde 2021, a Indústria de Transformação apresentou desempenho fraco ao longo de 2023, acumulando queda de 1,0% em relação ao ano anterior, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF). Em termos conjunturais, o aperto das condições monetárias nas economias avançadas e o patamar contracionista dos juros na economia doméstica dificultaram uma evolução mais benigna da indústria. Alguns fatores pontuais também limitaram o crescimento, como a introdução do Proconve P8, que provocou antecipação da fabricação de caminhões e ônibus em 2022, e a seca severa na região Norte no fim do último ano, que dificultou o escoamento de produtos na Zona Franca de Manaus.

Já na primeira metade de 2024, a Indústria de Transformação deu sinais de aquecimento. Tomando a série de produção com ajuste sazonal, a Transformação cresceu 4,3% entre dezembro de 2023 e junho de 2024, superando de forma mais consistente o patamar pré-pandemia. Já no acumulado do primeiro semestre, a produção teve alta interanual de 2,7%, aceleração importante frente ao último ano. Cabe ressaltar que o dado de julho trouxe uma queda da Transformação na margem, mas manteve o nível de produção alto em relação à média do primeiro semestre.



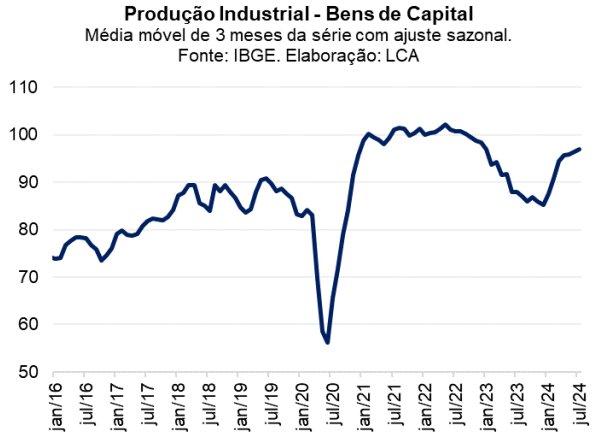
O bom desempenho da produção industrial nos últimos meses esteve associado, em boa medida, à retomada da produção de veículos pesados, após a introdução da mudança regulatória no ano passado, o que influenciou o nível da produção da categoria de Bens de Capital. Por sua vez, a produção de Bens de Consumo foi impulsionada pelo quadro positivo para o mercado de trabalho e a renda (fortalecidos por estímulos fiscais), especialmente no caso da abertura de Semi e Não Duráveis. Este segmento também foi impulsionado pelo aumento da produção de açúcar, com certa antecipação da moagem de cana-de-açúcar, e a continuidade do

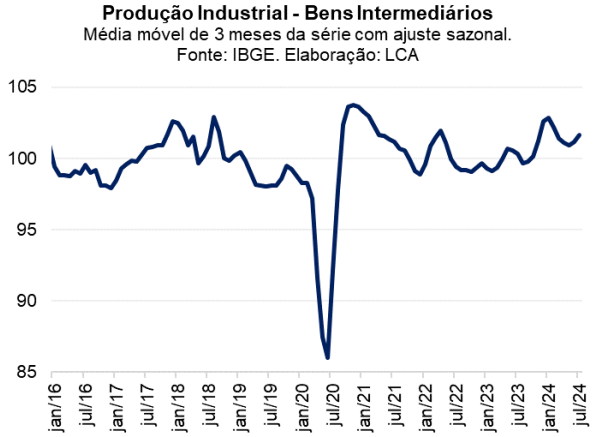
Publicação produzida pela LCA exclusivamente para clientes. Reprodução proibida.

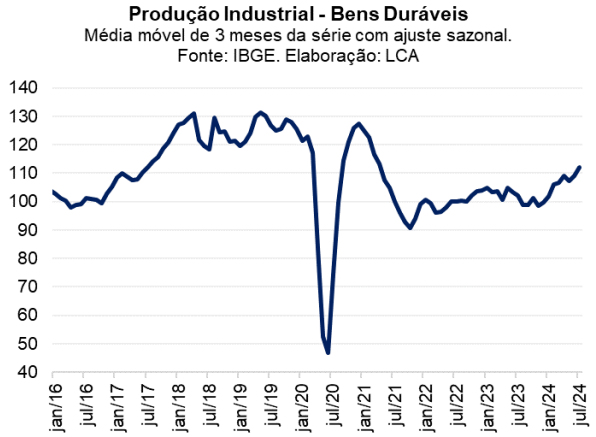
Este relatório foi preparado com informações de acesso público, analisadas rigorosamente pela LCA. O usuário deste material assume integralmente a responsabilidade pelas consequências da sua utilização.

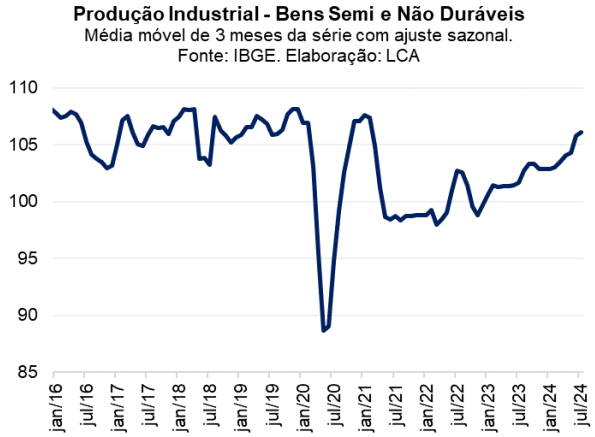
Rua Cardeal Arcoverde, nº 2450 | Conjunto 301 ao 309 | Bairro Pinheiros | CEP 05408-003 | São Paulo – SP | Tel + 55 11 3879-3760 | fax 3879-3737 | contato@lcaconsultores.com.br | www.lcaconsultores.com.br

bom momento de abates, principalmente de bovinos. Ademais, a melhora do crédito à pessoa física foi outro fator a estimular os Bens de Consumo Duráveis.





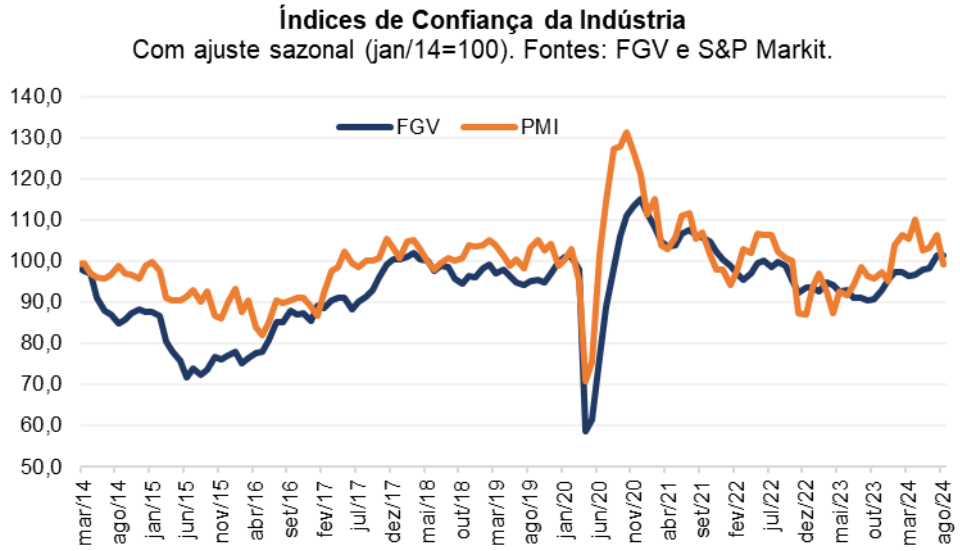




Perspectivas

De forma geral, o cenário de curto prazo para a produção industrial segue positivo. De acordo com a FGV, a confiança da indústria ficou estável entre julho e agosto, mas manteve o maior nível desde o final de 2021. O dado mais recente também apontou para um uso da capacidade instalada historicamente alto, o que tende a estimular o investimento e a produção de bens de capital. Vale destacar que o PMI[1] desacelerou de 54,0 em julho para 50,4 em agosto, mas seguiu consistente com uma melhora moderada das condições do setor na margem.

[1] O PMI da indústria é um indicador econômico, compilado pela *S&P Global* junto a gerentes de compras de diversas empresas, que reflete as condições gerais do setor, o que inclui variáveis como novos pedidos, produção, emprego, tempo de entrega de insumos e estoques. Uma leitura acima de 50 indica uma melhora frente ao mês anterior, enquanto uma leitura abaixo de 50 sugere uma piora.



Além dos dados de confiança, a evolução de alguns agregados econômicos também permite traçar perspectivas para a produção industrial no segundo semestre de 2024. Em primeiro lugar, projetamos que a massa de renda das famílias seguirá elevada em termos reais na segunda metade do ano, em função da continuidade do avanço da ocupação no mercado de trabalho e do crescimento dos rendimentos acima da inflação, embora o impulso do pagamento de precatórios do governo federal tenha se concentrado no primeiro trimestre. Com isso, o consumo pode seguir avançando, embora em ritmo mais moderado, mantendo aquecido os pedidos à indústria, beneficiando principalmente as categorias de produtos mais sensíveis à renda. Conforme consta na tabela ao final dessa parte da análise, projetamos que os setores de Alimentos e Bebidas devem ter alta interanual de 1,0% e 1,2% no acumulado do segundo semestre, respectivamente.

No lado da oferta, o aumento do abate de bovinos deve seguir impulsionando a fabricação de produtos alimentícios. Por outro lado, a seca e os incêndios recentes nos canaviais da região Centro-Sul, em conjunto com a antecipação da moagem, podem limitar a produção de açúcar.

Já para 2025, o salário mínimo deverá ter novo aumento acima da inflação, contudo, a massa de renda deverá crescer em ritmo mais moderado do que vem sendo observado no ano corrente. Além disso, não deve haver novo impulso tão significativo sobre a demanda proveniente do pagamento de precatórios do governo federal. Dessa forma, a expectativa é de que setores da indústria que produzem Bens Não Duráveis anotem crescimento moderado.

A instituição de um imposto de importação de 20% para itens de baixo valor (até 50 dólares), que começou a valer em agosto último, representa um ganho de competitividade relativa para as firmas domésticas. Dessa forma, é possível que alguns setores da indústria que vinham sofrendo com a forte concorrência dos importados apresentem um desempenho mais robusto no segundo semestre. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, projetamos que o setor de Vestuário e Acessórios crescerá 7,4% na segunda metade de 2024, enquanto o setor de Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados deverá avançar 6,0% na mesma base de comparação. Vale ressaltar que o imposto deverá continuar favorecendo esses setores no ano que vem, especialmente no 1º semestre.

Mais especificamente para Bens Duráveis, a rápida reconstrução da economia do Rio Grande do Sul, após a calamidade climática no mês de maio, pode ser um fator positivo para a demanda. Em particular, a necessidade de reposição de alguns produtos perdidos nas enchentes deve impulsionar a produção industrial nos próximos meses – com efeito, esperamos que a produção no setor de Mobiliário tenha alta interanual expressiva de 11,2% no acumulado do segundo semestre. Vale destacar que os últimos dados apontam que a economia gaúcha recuou menos do que era esperado em maio e vem se recuperando em ritmo mais acelerado que o previsto. Já para o próximo ano a produção no setor de Mobiliário deverá mostrar notável desaceleração, dada a base de comparação elevada e a antecipação da demanda para o ano corrente.

No caso da produção de veículos leves, a perspectiva também é positiva para os próximos meses por conta da continuidade do avanço dos licenciamentos, mas o cenário tem se mostrado mais desafiador, principalmente em função da conjuntura externa. A forte queda da atividade econômica na Argentina, na esteira do ajuste macroeconômico promovido pelo atual governo, limita as exportações das fabricantes brasileiras, que também recuam em outros mercados. Além disso, a penetração de importados chineses no Brasil e em outros países da América Latina também aumenta a competição e pressiona a produção das firmas domésticas.

Para 2025, projetamos crescimento ainda bastante relevante de 4,7% para Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias. Essa expectativa decorre da continuidade do crescimento das vendas, do aumento gradual do imposto de importação sobre veículos elétricos e dos diversos planos de nacionalização da produção de empresas internacionais, interrompendo o crescimento da penetração de importados.

Em relação aos Bens de Capital, a produção de veículos pesados deve seguir se recuperando na esteira da mudança regulatória no último ano, o que deverá levar a atividade Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias a assinalar alta interanual importante no segundo semestre deste ano. Além disso, a produção de Máquinas e Equipamentos apresenta viés de recuperação nos próximos meses, em função do uso corrente elevado da capacidade instalada na indústria e da diluição do impulso negativo proveniente da menor produção agrícola nesta safra.

No próximo ano, é provável que as safras das principais culturas agrícolas brasileiras, como a soja e o milho, voltem a apresentar crescimento. Com isso, a produção de Bens de Capital destinados ao agronegócio também pode avançar em 2025. Não se descarta, entretanto, que esse cenário possa ser frustrado, em alguma medida, por um impacto adverso das condições climáticas.

Por fim, a expectativa de um bom ano para a construção civil, também em função da reconstrução do Rio Grande do Sul e dos maiores subsídios no âmbito do Minha Casa Minha Vida, pode trazer um estímulo positivo para alguns segmentos da indústria: para o setor de Minerais Não Metálicos, projetamos alta interanual de 6,1% no segundo semestre, enquanto, para Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos, esperamos crescimento de 4,2% no mesmo período.

Desafios

A maior incerteza sobre a evolução da taxa Selic nas próximas reuniões do COPOM pode impactar o impulso à demanda das famílias proveniente do crédito no segundo semestre. Caso se materialize um cenário de novo ciclo de alta dos juros, em conjunto com o endividamento ainda elevado, as vendas de Bens Semiduráveis e de Bens Duráveis podem ser afetadas, reduzindo o estímulo para a produção da indústria. Esse movimento, aliado à piora recente das condições financeiras, também pode impactar negativamente o investimento corporativo nos próximos meses. O mesmo fator pode limitar o desempenho da atividade de Manutenção, Recuperação e Instalação de Máquinas e Equipamentos. Vale destacar que, mesmo que a taxa Selic volte a ser elevada na próxima reunião, em setembro, ainda haverá grande incerteza sobre a extensão do ciclo de alta dos juros e, por consequência, sobre a atividade econômica no próximo ano. De toda forma, tendo em vista as defasagens na transmissão da política monetária, é possível que os setores mais dependentes do ciclo econômico tenham desempenho mais fraco ao longo de 2025.

Como já mencionado, outro fator que pode atrapalhar o desempenho da indústria é a piora das condições climáticas. Pode haver prejuízo para diversas culturas brasileiras, com impacto sobre a manipulação de alimentos, além de aumento de custos diversos, com destaque para a energia elétrica.

Outro risco importante é uma eventual recessão da economia global. Desacelerações acentuadas dos EUA e da China poderiam acirrar a concorrência global de produtos industrializados. Neste cenário, os países da America Latina, já afetados por questões locais, poderiam reduzir ainda mais as importações do Brasil.

Setor	Peso Original (2022)	2023		1º Semestre 2024		2º Semestre 2024		2025	
		Var. %	Contribuição (p.p.)	Var. %	Contribuição (p.p.)	Var. %	Contribuição (p.p.)	Var. %	Contribuição (p.p.)
Indústria Geral	100,0	0,1	0,1	2,6	2,6	3,5	3,5	2,1	2,1
Indústrias Extrativas	14,6	7,1	1,0	2,1	0,3	0,8	0,1	2,6	0,4
Indústrias de Transformação	85,4	-1,0	-0,9	2,7	2,3	4,1	3,4	2,1	1,7
Alimentos	15,1	3,9	0,6	4,7	0,7	1,0	0,2	1,7	0,3
Bebidas	3,0	0,9	0,0	4,3	0,1	1,2	0,0	1,5	0,0
Fumo	0,4	4,5	0,0	-0,2	0,0	4,3	0,0	0,6	0,0
Têxtil	1,3	1,0	0,0	2,4	0,0	4,8	0,1	2,0	0,0
Vestuário e Acessórios	2,0	-7,5	-0,2	-0,5	0,0	7,4	0,1	1,8	0,0
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	1,4	-0,9	0,0	2,5	0,0	6,0	0,1	2,5	0,0
Madeira	1,1	-6,9	-0,1	8,3	0,1	5,7	0,1	3,3	0,0
Celulose, Papel e Produtos de Papel	3,7	-2,0	-0,1	5,0	0,2	4,7	0,2	3,3	0,1
Impressão e Reprodução de Gravações	0,6	7,8	0,0	-1,1	0,0	4,4	0,0	1,5	0,0
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	13,5	6,1	0,8	3,3	0,5	0,5	0,1	1,4	0,2
Produtos Químicos	7,4	-5,8	-0,4	0,0	0,0	2,5	0,2	1,7	0,1
Farmoquímicos e Farmacêuticos	2,4	-1,5	0,0	-5,9	-0,2	7,5	0,2	1,3	0,0
Borracha e Plástico	3,4	1,1	0,0	3,8	0,1	5,9	0,2	2,0	0,1
Minerais não Metálicos	2,7	-6,1	-0,2	2,1	0,1	6,1	0,1	2,1	0,1
Metalurgia	4,9	-2,9	-0,1	-0,6	0,0	2,6	0,1	2,0	0,1
Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	3,0	-3,3	-0,1	1,3	0,0	4,2	0,1	2,0	0,1
Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	2,0	-11,1	-0,2	8,4	0,2	17,4	0,3	2,1	0,0
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	2,3	-10,2	-0,2	10,0	0,2	9,0	0,2	1,8	0,0
Máquinas e Equipamentos	3,8	-7,4	-0,3	-2,0	-0,1	4,2	0,1	2,2	0,1
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	6,2	-7,1	-0,4	4,9	0,3	14,5	0,8	4,7	0,3
Outros Equipamentos de Transporte	1,1	6,8	0,1	11,6	0,1	6,7	0,1	3,7	0,0
Mobiliário	1,1	-1,3	0,0	5,7	0,1	11,2	0,1	1,5	0,0
Diversos	1,2	-8,4	-0,1	-5,5	-0,1	3,7	0,0	1,3	0,0
Manutenção, Reparação e Instalação de Máq. e Equip.	1,6	-1,9	0,0	-4,5	-0,1	0,3	0,0	1,5	0,0

Pequenos negócios

É possível analisar o desempenho e as perspectivas setoriais da indústria com abertura por porte das empresas, por meio do cruzamento de microdados de emprego formal da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Os gráficos ao final desta análise ilustram as principais informações levantadas. Cabe destacar que os números apresentados consideram as seguintes definições: microempresas (MEs) possuem até 19 empregados; empresas de pequeno porte (EPPs) têm entre 20 e 99 empregados; e empresas de médio porte (EMPs) possuem entre 100 e 499 empregados.

Em primeiro lugar, vale notar que o setor de Fabricação de Produtos Alimentícios possui a maior participação no mercado de trabalho formal da indústria para todos os portes analisados. Essa atividade também teve crescimento acima da média do número de ocupados entre junho de 2023 e junho de 2024, o que aponta para um cenário de robustez da demanda. Com a expectativa de que a massa de renda e o consumo das famílias sigam fortes no segundo semestre e as condições de oferta favoráveis, a produção industrial de alimentos deve seguir robusta, favorecendo o desempenho das firmas de pequeno e médio porte no curto prazo. Já em 2025 o crescimento desse setor deve convergir para um ritmo mais moderado, com a desaceleração da renda das famílias.

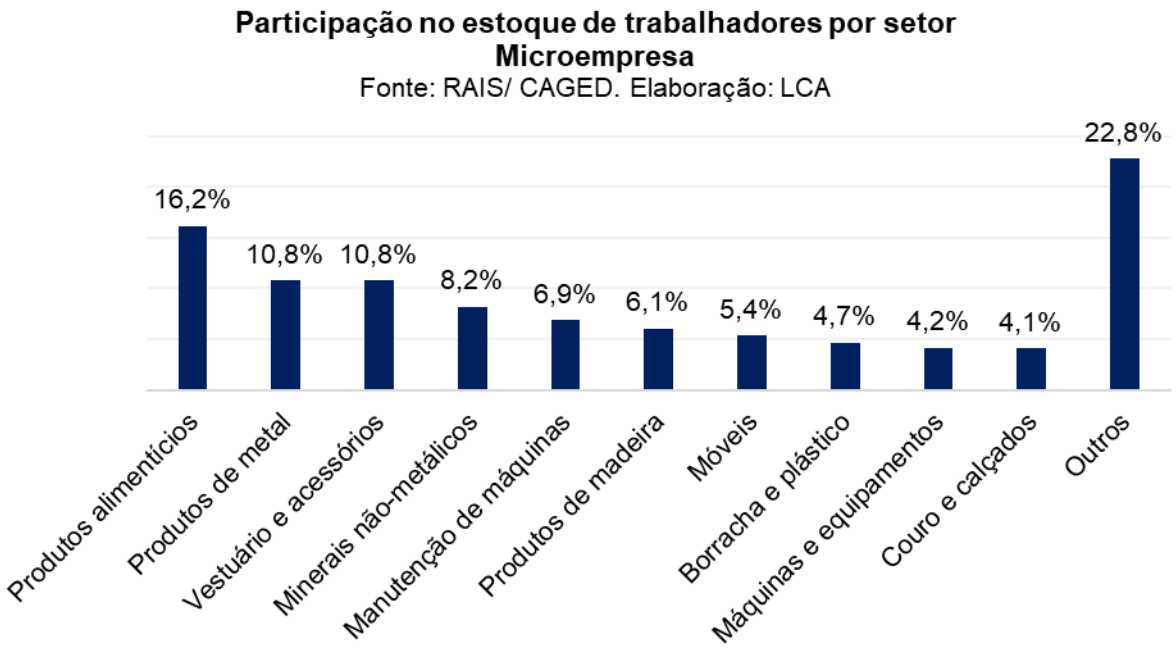
Por sua vez, o setor de Confecção de Artigos de Vestuário e Acessórios possui participação relevante, principalmente entre as MEs e EPPs. Nos 12 meses até junho, esse setor teve queda importante do número de ocupados formais, o que pode estar associado à intensificação da competição com plataformas de varejo internacionais. De toda forma, a instituição do imposto de importação sobre itens de baixo valor a partir de agosto pode beneficiar a demanda por produtos domésticos, impulsionando o resultado das firmas de menor porte na segunda metade de 2024 e também no início de 2025.

Já o setor de Fabricação de Móveis predomina principalmente entre as MEs. Como se vê nos gráficos abaixo, essa atividade anotou queda interanual da ocupação formal em junho, o que sugere um desempenho recente relativamente negativo. No entanto, a recomposição dos estoques de bens duráveis das famílias após as enchentes no Rio Grande do Sul constitui um importante fator a impulsionar a demanda desse segmento no

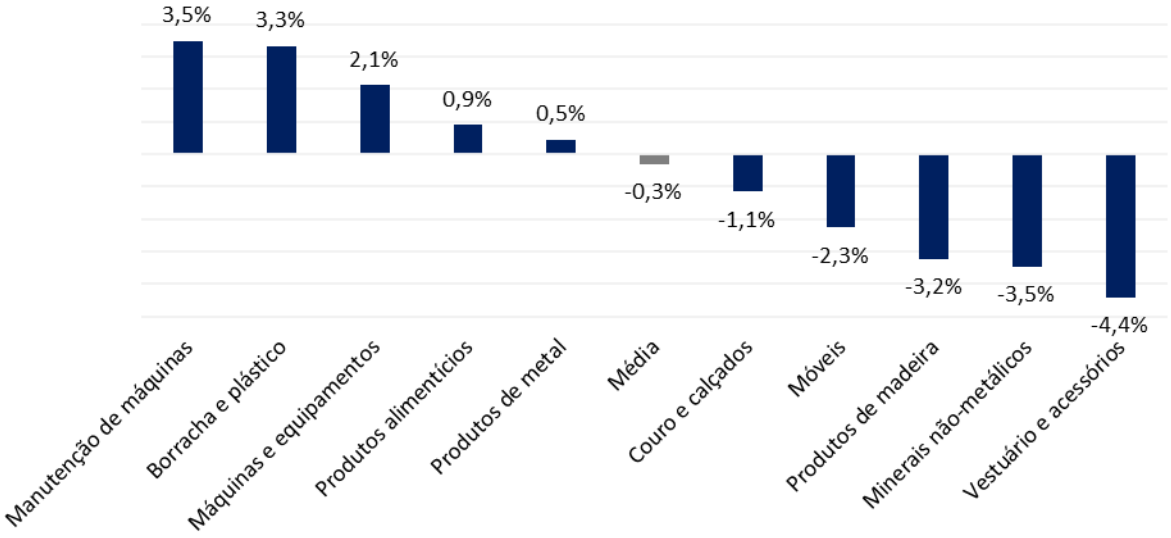
segundo semestre, principalmente para as firmas que atuam na própria região. Já em 2025 o crescimento do setor deve ser mais moderado, em função da antecipação das compras para o ano corrente.

No tocante aos Bens de Capital, a Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos se destaca, especialmente, entre as MEs. Apesar do desempenho recente favorável, a produção neste setor dependerá da perspectiva para o investimento nos próximos meses. Dessa forma, um risco relevante a ser monitorado é a possibilidade de alta da taxa Selic, que reduziria o incentivo para gastos das empresas com o estoque de capital principalmente no horizonte do próximo ano.

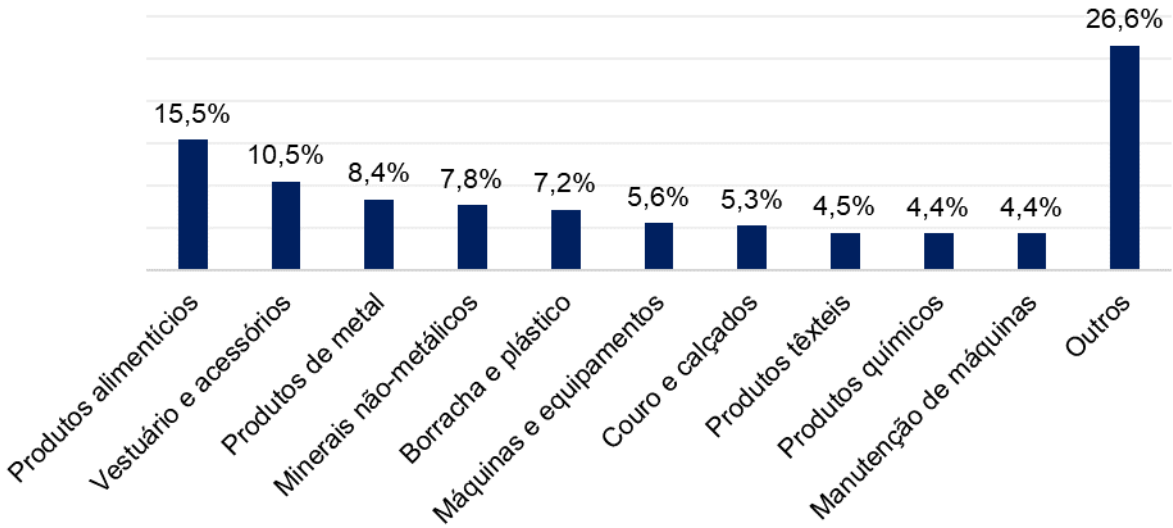
Por fim, entre os Bens intermediários, a Fabricação de Produtos de Metal assinalou crescimento da ocupação nos 12 meses até junho, embora em ritmo apenas moderado. No segundo semestre, essa atividade pode mostrar desempenho mais forte, puxada pela expectativa de um bom ano para a construção civil, o que beneficiaria principalmente as MEs e as EPPs.



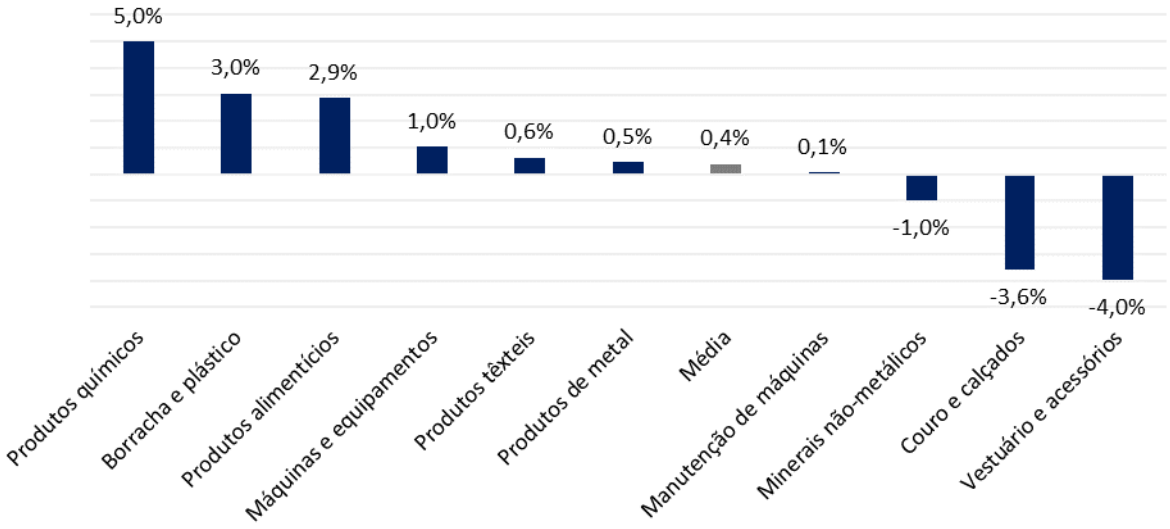
Var. % YoY do estoque de trabalhadores
Microempresa
Fonte: RAIS/ CAGED. Elaboração: LCA



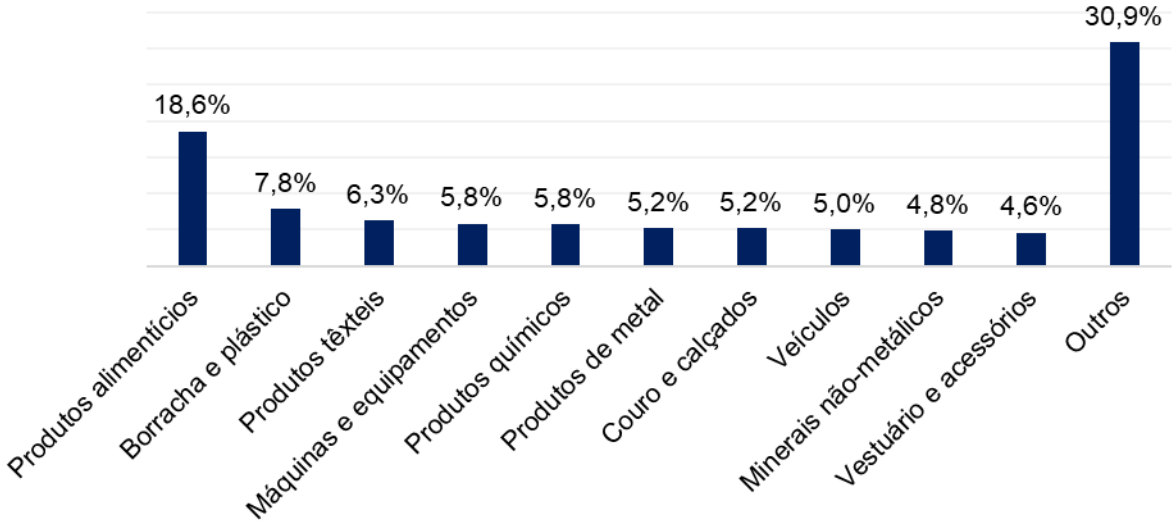
Participação no estoque de trabalhadores por setor
Pequeno porte
Fonte: RAIS/ CAGED. Elaboração: LCA

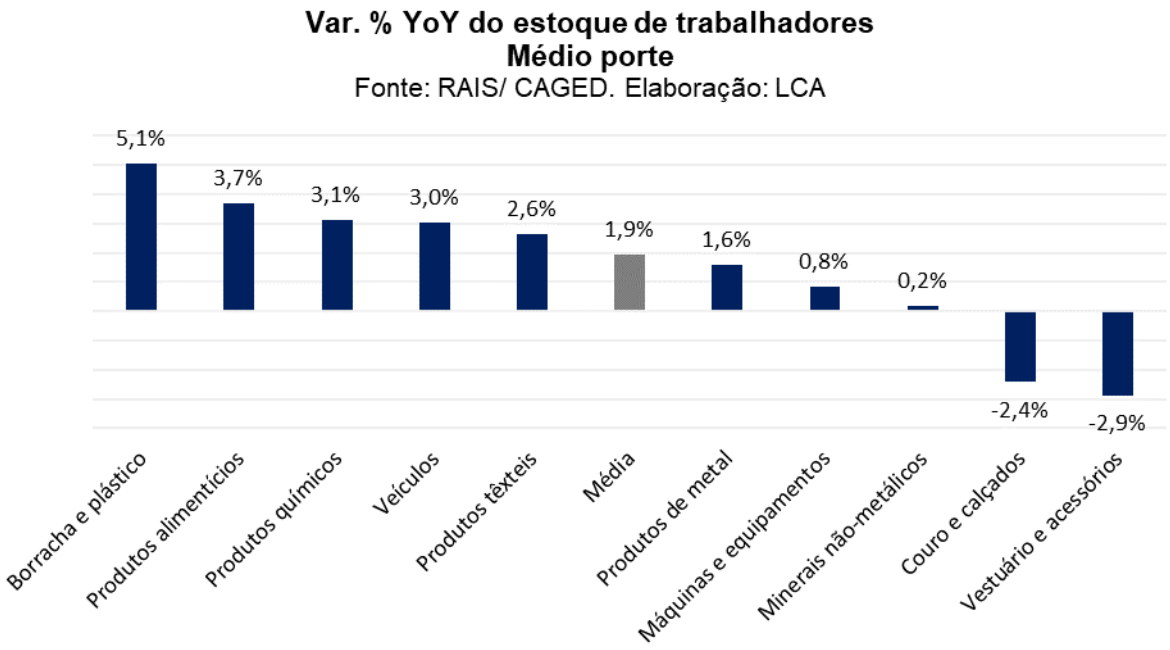


Var. % YoY do estoque de trabalhadores
Pequeno porte
Fonte: RAIS/ CAGED. Elaboração: LCA



Participação no estoque de trabalhadores por setor
Médio porte
Fonte: RAIS/ CAGED. Elaboração: LCA




Var. % YoY do estoque de trabalhadores
Médio porte
Fonte: RAIS/ CAGED. Elaboração: LCA
5,1%
3,7%
3,1%
3,0%
2,6%
1,9%
1,6%
0,8%
0,2%
-2,4%
-2,9%
Borracha e plástico
Produtos alimentícios
Produtos químicos
Veículos
Produtos têxteis
Média
Produtos de metal
Máquinas e equipamentos
Minerais não-metálicos
Couro e calçados
Vestuário e acessórios